

BALANÇO HISTÓRICO DO SOCIALISMO E O MOMENTO ATUAL

Gilmar Mauro* e Luiz Bernardo Pericás**

El pasado nos interesa en la medida en que puede servirnos para explicarnos el presente. Las generaciones constructivas sientem el pasado como una raíz, como una causa. Jamás lo sientem como un programa.

José Carlos Mariátegui

O início do século XXI tem se mostrado extremamente complexo e conturbado, se caracterizando, entre outros fatores, por diversas formas de expressão contra a globalização e a hegemonia norte-americana, assim como por uma violenta repressão empreendida pelos Estados Unidos e seus agentes em outros países contra qualquer tipo de manifestação que antagonize seus interesses. Assim como no começo do século XX, pode-se perceber uma “colcha de retalhos” teórica e uma miríade de manifestações sociais muitas vezes desconexas e de rumo político pouco definido. É bom lembrarmos que há aproximadamente cem anos muitos decretavam, mesmo que implicitamente, a falência do marxismo. Enquanto anarquistas e anarco-sindicalistas propunham uma via “revolucionária” e “libertária” para os trabalhadores, nos moldes de uma tradição proudhoniana e bakhuniniana, os setores moderados da Segunda Internacional, por sua vez, apoiavam as teses “evolucionistas” de um

suposto socialismo europeu que se escorava na via parlamentar. Grupos mais radicais, como os socialistas revolucionários na Rússia, empreendiam uma luta mais calcada em atos terroristas que desestabilizassem o regime czarista do que necessariamente dentro de um modelo marxista que pudesse ser levado a sério. É claro que houve também aqueles que ainda acreditavam no legado teórico de Marx e Engels, e que, ao aprofundar o estudo da realidade de sua época, puderam fazer avançar a doutrina e criar interpretações novas e originais que servissem de alicerce para a criação e consolidação de partidos e organizações que tentassem, de alguma maneira, levar adiante a luta revolucionária em seus respectivos países. Nos Estados Unidos, Daniel DeLeón, o primeiro teórico original marxista do continente, já no final do século XIX escrevia sobre as especificidades do caso norte-americano, defendendo um modelo próprio, onde partidos e sindicatos trabalhariam de forma conjunta para o triunfo da revolução no país. Não é de se estranhar que tenha sido o principal dirigente do Partido Socialista Operário, criador do *Socialist Trade and Labor Alliance* e em seguida, fundador, junto com os mais importantes dirigentes de esquerda da época, da Industrial Workers of the World (IWW), que mesmo que rotulada por alguns estudiosos como “anarco-sindicalista”, na prática era composta basicamente por elementos que se consideravam socialistas e marxistas, e que iriam ajudar a fundar o Partido Comunista dos Estados Unidos, alguns anos mais tarde. Outro exemplo clássico e talvez o mais conhecido foi Lênin, que interpretou de forma magistral a realidade de sua

* Membro da direção nacional do MST.

** Doutor em História Econômica pela USP e membro do quadro de pesquisadores de pós-doutorado na Flacso-México.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.18.v0n39.2308>

época, inovou na concepção do partido revolucionário e foi o mais importante líder da Revolução de Outubro. Anos depois, um jovem e frágil jornalista peruano, José Carlos Mariátegui, convertido ao marxismo, mesmo sendo autodidata e sem formação acadêmica, conseguiu interpretar a realidade de sua nação, dando uma contribuição inestimável ao corpo teórico marxista, também ajudando a constituir a CGTP



José Carlos Mariátegui

(Confederação Geral dos Trabalhadores do Peru) e o Partido Socialista do Peru, colaborando também para a criação de diversas publicações importantes, tanto do ponto de vista estético e cultural como de análise de conjuntura e instrumento de luta dos trabalhadores.

Na atualidade podemos notar algo parecido. A luta está fragmentada. Diversas organizações, partidos, ONGs e movimentos sociais se dispersam em lutas específicas e se unem casualmente para combater os efeitos da “globalização”. O marxismo parece ser deixado de lado, enquanto se proliferam grupos de anarquistas, anarcopunks, ecologistas e zapatistas. Os atos terroristas, mais vinculados a motivos religiosos e de política regional do que a propostas “humanistas” e “universalizantes”, se apresentam como um instrumento bastante utilizado recentemente, mas que semeiam mais pânico e medo do que uma mudança efetiva da realidade. Criam rancor e ódio, sem necessariamente convencer nem propor alternativas concretas. Em outras palavras, são quase que uma forma desesperada de lutar contra um inimigo que sabem ser extremamente poderoso e difícil de ser vencido. Por isso, a utilização de táticas que mais acreditam ser eficientes no momento, mesmo que na prática não sejam tão eficazes quanto gostariam, nem necessariamente as corretas. Nessa confusão teórica, pouco espaço sobra para discussões mais aprofundadas. As formas de luta parecem ser mais atraentes e instigantes do que a construção *per se* de um novo modelo político. Entre comunicados de rebeldes, poemas e cartas à população divulgados por alguns grupos de esquerda — que confundem mais do que explicam e que usam de estilos literários rebuscados, mas que pouco aprofundam no conhecimento da realidade —, os jovens se vêem em meio a uma confusão ideológica que acaba, no final, por

enfraquecer em grande medida as tentativas mais sérias de luta política. É bom lembrar que essas expressões de nossa época são *importantes* e *necessárias*, mas ao mesmo tempo refletem o relativo caos e falta de cultura política do momento. Casos como Seattle, Praga e Gênova certamente mostram o elevado grau de insatisfação de uma boa parcela da população dos países ricos e do Terceiro Mundo em relação aos efeitos da

chamada “globalização”. Mas a luta deve ir além disto. Não basta partir da negação e fazer uma luta “anticapitalista”. É importante que o combate seja propositivo. Ou seja, não apenas negar, mas sim, *propor e construir um novo modelo*, a partir de um embate positivo, que enquanto nega, ao mesmo tempo, dialeticamente, constrói. E isso tem faltado nas manifestações que temos observado nos anos recentes. Por isso, o estudo dos clássicos da política, e entre eles, certamente, do marxismo, se mostra cada vez mais necessário.

Essa época também nos impõe a necessidade de uma reflexão mais cuidadosa das experiências socialistas do século XX, para que possamos, a partir de seus erros e acertos, empreender de maneira coerente e equilibrada, a luta pela construção de um novo socialismo. A primeira lição que podemos tirar é que em todas as revoluções socialistas foi criado um instrumento adaptado às realidades nacionais e ao momento histórico em que elas ocorreram. Na Rússia, o partido bolchevique foi a organização que melhor se estruturou para levar adiante as tarefas necessárias da Revolução de Outubro. Em Cuba, por sua vez, foi o Movimento 26 de Julho, que apresentava simultaneamente características de partido, de movimento e de guerrilha, e que estava embebido das tradições cubanas, que organizou, coordenou e liderou a revolução na ilha. Portanto, criar um instrumento político que esteja de acordo com as especificidades históricas do Brasil, com suas diferentes características raciais e regionais, e que compreenda o atual contexto histórico que o mundo atravessa, é fundamental. Não se pode copiar modelos, mas aprender com os diferentes exemplos do passado e construir algo novo, que seja condizente com nossas necessidades. Estamos no século XXI e muitos militantes de sindicatos e partidos de esquerda ainda

vivem com categorias do século XIX. Não conseguem ver as mudanças estruturais de nossa época e continuam gritando os mesmos *slogans* e frases ocas de outros tempos. Insistem em clichês que já estão superados. E não admitem discussões. Para alguns desses elementos, qualquer tentativa de analisar a realidade em novas perspectivas seria revisionismo. Isto quando esses mesmos militantes pouco conhecem as obras de Marx, Engels e de outros teóricos importantes, assim como não conseguem avaliar corretamente o contexto histórico atual.

As revoluções do século XX, em grande medida, triunfaram por ter em seus quadros homens que tiveram a capacidade de compreender e avaliar corretamente a realidade da época. Essas mesmas

experiências revolucionárias começaram a se perder e foram, em muitos casos, derrotadas, quando seus aparelhos estatais se calcificaram e se petrificaram, deixando de lado uma maior flexibilidade e liberdade de expressão. Assim, alguns grupos se mantiveram no poder e não permitiram discussões mais abertas sobre os próprios rumos das respectivas revoluções. Uma revolução deve ser dinâmica e sempre pronta a se auto-

criticar e se reconstruir. É possível se elaborar um modelo em que estejam presente discussões sem se desviar dos ideais e propostas originais da revolução. Isso nos leva ao tema da burocratização. Diversos exemplos de burocratização dos Estados socialistas podem ser encontrados. A máquina estatal acaba por tomar o lugar da própria revolução e começa a ter vida própria. Idéias novas e ousadas já não mais interessam aos burocratas do governo, que incentivam a reprodução de estereótipos que apenas mantêm o *status quo* da própria burocracia inalterado e não fazem avançar o processo. Não se abre espaço para quadros divergentes, que de algum modo podem contribuir para a remodelação do aparelho, e se reprimem quaisquer tentativas de oposição. Assim, em vários casos se pôde observar burocratismo, repressão violenta aos opositores e culto à personalidade.

No campo econômico, os Estados socialistas certamente não conseguiram se mostrar competitivos, nem em termos de quantidade nem de qualidade dos produtos industriais.

A imagem de um líder que irá salvar a nação não é exclusividade do “socialismo real”, mas esteve presente em algumas experiências. Figuras como Stálin, Mao e Tito acabaram se tornando a personificação do partido, do Estado e da própria revolução, o que incentivou o fanatismo e a despolitização de boa parte da população de seus respectivos países.

No campo econômico, os Estados socialistas certamente não conseguiram se mostrar competitivos, nem em termos de quantidade nem de qualidade dos produtos industriais. O caso mais impressionante de desvio ideológico foi o da Iugoslávia e seu “socialismo de mercado”, dois termos aparentemente contraditórios e que mostraram a fragilidade do modelo. O país, cada vez mais aberto ao capital estrangeiro e a uma liberalização das relações do mercado, se afastou por completo do socialismo e acabou por se fragmentar totalmente. Um dos poucos elementos de unidade e coesão das diversas repúblicas que compunham a antiga Iugoslávia era a personalidade de Tito. A necessidade de uma figura carismática e poderosa como Tito mostra a fragilidade, a falta de uma estrutura consolidada no país e a pouca viabilidade daquela experiência histórica.

Nos anos 1950 e 1960, ocorreu um intenso debate no mundo socialista sobre a necessidade de reformas econômicas. Em geral, a União Soviética e os países da Europa oriental começaram a adotar medidas que liberalizassem o mercado e flexibilizassem a gestão das empresas para garantir uma maior competitividade e aumento de produção. O resultado foi uma maior ênfase nos incentivos materiais, avaliação do desempenho da empresa pelos índices de lucro, menos poder relativo a alguns órgãos de gestão econômica centrais, incentivo ao consumismo e um afastamento de mecanismos



Josip Broz Tito



Mao Tse-tung



Che Guevara

ideológicos que pudessem elevar a consciência dos trabalhadores. A luta pela criação de um homem novo foi aos poucos sendo deixada de lado em nome de uma suposta eficiência econômica. Algumas figuras, como Che Guevara, em Cuba, insistiam na necessidade de se construir a base econômica e ideológica simultaneamente, para que se pudesse chegar mais rapidamente ao comunismo. Como o tempo mostrou, ele foi em grande medida considerado um revolucionário utópico e romântico, e suas idéias foram aos poucos deixando de ser utilizadas. Já os burocratas dos diversos países socialistas, que cada vez mais se tornavam uma casta dirigente distante da população, com privilégios e vantagens diferenciadas, apoiavam teses mais

“conservadoras” e que se aproximavam de modalidades capitalistas. O resultado de todo esse processo foi a dissolução de quase todos os países do socialismo burocrático e a volta total do capitalismo. A construção de uma base teórica e cultural nos militantes, portanto, é fundamental. Por isto, a necessidade de se trabalhar com a formação intelectual e política dos trabalhadores de forma geral. Cada cidadão deve ter conhecimentos consolidados e uma consciência de seu papel na construção do socialismo. Para isto, é importante também a participação de vários setores e organizações políticas. Isto significa dizer que se deve evitar sectarismos e buscar elementos em comum para fazer avançar a luta.

Alguns acreditam que o marxismo seria a “filosofia da práxis”, enquanto outros, uma ciência da história, cuja filosofia ainda estaria em construção. De qualquer forma que se interprete a doutrina, contudo, são a prática revolucionária e a elaboração teórica intercaladas e fundidas que se desenvolvem em um determinado processo histórico que dão ao marxismo sua base dinâmica efetiva. Somente nesse processo é que poderemos construir um novo modelo de socialismo para nossa época.

Cada cidadão deve ter conhecimentos consolidados e uma consciência de seu papel na construção do socialismo.